

PRODUÇÃO CULTURAL: USO DO CELULAR NA SALA DE AULA

Data de aceite: 03/06/2024

Lhays Marinho da Conceição Ferreira

RESUMO: O presente trabalho tem como proposta analisar a produção curricular que se constitui nas salas de aula, com a interferência e apropriações do uso dos celulares, algo comum entre os jovens de hoje. A discussão parte de indagações sobre usos da tecnologia durante o momento da aula, tendo em vista as propensas mudanças no cenário educacional, em consequência de mudanças ocorridas no cenário social contemporâneo e que reconfigura os processos de produção e relação com conhecimento. Estabelecemos um diálogo acerca das questões que se colocam no cenário educacional a partir dos usos dos celulares, dentro-fora das salas de aula, nos apropriando das discussões dos estudos culturais e o pós-estruturais, compreendendo os fluxos culturais contemporâneos numa perspectiva que entende a cultura como um processo híbrido, em que não é possível uma coleção, um somatório de culturas, mas entendendo que a sua própria constituição é um movimento, uma produção volátil, contingencial. Para tanto, utilizo em nossas análises imagens, pois assumimos que

elas também são produção discursiva, entendendo-as como texto, que produzem sentidos para a discussão que propomos. Problematizo ser na relação com o outro, sendo este outro nativo digital ou não, pois não havendo uma cultura deslocada da outra, ambos os sujeitos estão inseridos no mesmo espaçotempo, apesar de habilidades diferenciadas. Dessa forma, não há uma dicotomização da cultura, pois ambos estão inseridos nela, mas se apropriam da tecnologia com maneiras de uso e de entendimento diferentes.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia, Cultura, Currículo, Educação

Atualmente, as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) se transformaram em grandes mediadores sociais. Os recursos tecnológicos são os principais recursos de informação e comunicação em uso na nossa sociedade contemporânea. Lévy (1993) afirma que, as TICs são tecnologias intelectuais que nos proporcionam outras formas de redistribuição das representações culturais, gerando outros valores, outras formas culturais que conduzem a outro perfil de humanidade.

A comunicação, as tecnologias e a educação compõem uma relação de grande valia para a formação do homem do século XXI (CORTELAZZO, 1998). Hoje, a tecnologia estabelece outras condições para que a comunicação social se insira nos espaços de aprendizagem, pois, por meio de suas dinâmicas de produção e desenvolvimento do conhecimento, favorece a socialização do saber entre os sujeitos.

O presente texto tem como proposta analisar a produção curricular que se constitui nas salas de aula, com a interferência e apropriações do uso dos celulares, algo comum entre os jovens de hoje. A discussão parte de indagações sobre usos da tecnologia durante o momento da aula, tendo em vista as propensas mudanças no cenário educacional, em consequência de mudanças ocorridas no cenário social contemporâneo e que reconfigura os processos de produção e relação com conhecimento, que não se dá de forma uniforme, mas em constante movimento.

Para estabelecermos um diálogo acerca das questões que se colocam no cenário educacional a partir dos usos dos celulares dentro-fora das salas de aula, me aproprio das discussões dos estudos culturais e o pós-estruturais. Assim, compreendemos os fluxos culturais contemporâneos, numa perspectiva que entende a cultura como um processo híbrido, em que não é possível uma coleção, um somatório de culturas, mas entendendo que a sua própria constituição é um movimento, uma produção contingente. Para tanto, utilizo imagens, pois assumimos nesse trabalho que elas também são produção discursiva; entendendo-as como texto, que podem ter outros sentidos, mas que ao analisarmos damos sentidos provisórios.

PROCESSOS DE PRODUÇÃO CULTURAL DO CURRÍCULO

Neste artigo, busco discutir e problematizar as relações dos sujeitos, principalmente os jovens, com a tecnologia portátil disponibilizada pelos aparelhos de celular e seus usos em sala de aula, entendendo que tais relações são fruto das relações culturais contemporâneas dos sujeitos. Dessa forma, compreendemos a cultura como processo de significação e enunciação, nos quais símbolos e sentidos são produzidos num processo ambivalente, que se constituem por processos híbridos, pois considero que estes fatores do cotidiano fazem parte de uma produção cultural na qual os sujeitos envolvidos nesse processo são sujeitos híbridos em seus pertencimentos culturais.

Compreendemos a cultura a partir das concepções pós-coloniais de Bhabha (2003) que a interpreta como processos de significação, no qual destaca os processos híbridos pelos quais a cultura se constitui e constitui os sujeitos nas relações entre si. O autor considera que a cultura é a prática da significação, no qual não há fixação de sentidos de uma cultura específica, há sempre uma produção de sentidos, inesperados, que a cada momento que são lidos, são reapropriados, são ressignificados e produzidos novamente, numa tarefa que repete sem repetir, que é performático em suas repetições, visto que o tempo do enunciado é diferente do tempo da enunciação.

Dessa forma, não há sentidos previamente estabelecidos, acabados, mas há sentidos híbridos. Bhabha (2003) ainda propõe que a cultura é a produção de sentidos na ambivalência, o que é reiterado é negado ao mesmo tempo, neste sentido, a cultura é uma produção híbrida. A partir disso, não discutiremos nesse artigo numa perspectiva de cultura estanque, mas sim em movimento, em que os sujeitos produzem com elementos que não são antigos ou novos, mas são um outro, pois possuem características do “antigo” e do “novo”.

Na perspectiva que Bhabha (2003) desenvolve acerca do hibridismo, a cultura é sistema de significação que, em dados momentos, se propõe fechar os sentidos, mas não o faz, visto que estamos falando de espaços-tempos de produção de sentidos que não existem de forma fixada, ao contrário disso, é volátil, instável e contraditório.

Dessa maneira, nossa discussão permite trazer para as nossas análises propostas nesse artigo, o currículo como produção cultural e discursiva, elaborada e reconfigurada nas negociações da própria prática cotidiana dos sujeitos dentro-fora da sala de aula. As discussões propostas por Macedo (2006) sobre a relação entre currículo e cultura ampliam nossas percepções para “a cultura que é objeto de ensino e a cultura que a escola produz” (p. 101). Contudo, a autora se afasta da ideia de integração dessas duas dimensões no currículo e adverte que, mesmo que se tenham ampliado as dimensões do currículo em nossos estudos e entendimentos, na tentativa de dar conta de outras especificidades, é possível perceber nas discussões de produção curricular “um somatório de dimensões não articuladas” (MACEDO, 2006, p. 102). Assim, a autora chama a atenção para o que mudamos apenas de forma periférica o entendimento por currículo, introduzindo a cultura produzida na escola como parte importante a ser considerada, mas mantendo a lógica de separação entre produção e implementação que está na base dos problemas trazidos por uma concepção burocratizada de currículo.

Nesse sentido, se assumirmos o currículo como um híbrido, um local onde não se pode elencar qual cultura fará parte do seu repertório, então é possível o reconhecimento de um espaço onde a diferença se torna ponto não só nevrálgico, mas também articulador e propulsor das produções. Então, os híbridos que são produzidos não podem ser entendidos como “um simples somatório de culturas de pertencimentos” (MACEDO, 2006, p.102). Além de transitarem em diversos espaços e tempos, no real e virtual, estes sujeitos híbridos conseguem realizar muitas tarefas ao mesmo tempo. Eles estão acostumados a esta transição de espaçostempos e lugares, isto faz parte da cultura ao qual estão inseridos, é algo comum, eles produzem cultura e produzem sujeitos híbridos a partir dessas práticas.

Dessa forma, podemos observar que os sujeitos, na prática cotidiana, ao produzir outros sentidos para as suas ações na relação direta com a tecnologia, estão se apropriando da tecnologia como outra linguagem – e não somente como disponibilidade de aparato midiático. Mais do que isso, a tecnologia como linguagem pode ser compreendida como a possibilidade de mudança na forma como os sujeitos captam o mundo e as coisas, como se relacionam com o mundo dentro/fora dos espaços, na fronteira, onde é possível enunciar produções outras e, ao enunciar, elas se modificam e modificam o outro.

O USO DOS CELULARES PELOS JOVENS NA SALA DE AULA COMO PRODUÇÃO CULTURAL DO CURRÍCULO

Discutiremos nesta seção, com o uso de imagens/texto, o uso dos celulares pelos jovens em sala de aula durante atividades programadas ou não. Alguns autores conceituam os jovens que utilizam o celular, assumindo multitarefas, a todo o momento e em diversos lugares como “nativos digitais”. A expressão “nativos digitais” é estabelecida para denominar a geração que nasceu após a década de 1980 até meados de 1990 e que se desenvolveu em meio aos grandes avanços tecnológicos e à prosperidade econômica. Estes, também são chamados de “geração Y” ou “geração da internet”. De acordo com Mark Prensky (2010) os “nativos” são exatamente aqueles pertencentes à geração Y, que convivem desde muito cedo com as mais variadas plataformas digitais. Os “imigrantes” são as pessoas que antecedem as gerações tecnológicas e que, mesmo utilizando os elementos digitais, em nossa concepção, podem ter ou não a mesma habilidade dos nativos.

Entretanto, a partir da relação com o outro, sendo este outro nativo digital ou não, a produção cultural se constitui, não havendo uma cultura deslocada da outra, ambos os sujeitos estão inseridos no mesmo espaço-tempo, apesar de habilidades diferenciadas. Dessa forma, não há uma dicotomização entre a cultura digital e as “outras”, pois ambos estão inseridos na mesma cultura, mas se apropriam da tecnologia com maneiras de uso e de entendimento diferentes.

De acordo com Costa (2005, p. 96), as discussões contemporâneas a respeito da cultura e tecnologia estabelece o jovem como exemplo de identidades recriadas de diversas formas, fazendo aparecer novos atores sociais. Podemos considerar estes sujeitos-estudantes pós-modernos como um “novo tipo de estudantes, com novas necessidades e novas capacidades” (GREEN, 1995, p. 209), sujeitos que transitam por diversos espaços e tempos, estando na fronteira entre o real e o virtual, e isto provém de movimentos hibridizados.

É o que ocorre na imagem acima, onde os alunos se relacionam, mas de outra forma, eles não interagem, cada um utiliza do seu próprio aparelho celular com game, em um espaço de socialização (a sala de aula). Vemos que há outras formas em que os alunos se apropriam da tecnologia, trazendo para o contexto educacional, algo que é imerso e inerente ao cotidiano deles. Eles estão inseridos em um meio social, entretanto utilizando de outras interfaces para se comunicar e estabelecer relações, estando em outros espaços-tempos que os permite circular por dois ou mais ambientes (na função multitarefa, por exemplo), estando em movimentos híbridos e ambivalentes, nos quais acabam por estar pertencendo a um ambiente e também a outro ambiente, sendo este o processo de produção cultural e curricular do cotidiano deles dentro-fora da escola.

Nestas outras imagens os alunos fotografam o conteúdo no quadro. A partir disso, podemos pensar na teoria Mayer (2001) no qual destaca que os alunos aprendem melhor

quando combinam palavras e imagens do que apenas palavras. Os alunos estão em um ambiente de educação formal, mas utilizam da tecnologia para facilitar e ou produzir outras maneiras de acessar e registrar em seus processos de compreensão do conteúdo abordado, no qual, ao invés de copiar o que estava escrito no quadro, eles simplesmente o fotografam, o que faz com que aquela imagem seja o texto para seus estudos. Assim, mesmo estando num ambiente formal, onde utilizar de tecnologias como lápis, borracha e caneta, é algo comum e considerado como essencial, os alunos têm como um escape a utilização do celular, propondo a reconfiguração das atividades comum a educação formal ou tradicional. Eles utilizam a tecnologia que faz parte do seu cotidiano e a traz para o ambiente escolar. A partir disso, há ressignificações do próprio material que é necessário na escola. Não havendo a necessidade de um padrão de uso de objetos no ambiente formal, como os alunos mostram, eles podem utilizar de outras tecnologias para estabelecer outras formas de produção e relação com o aprendizado.

Com isso, percebemos que atualmente, os alunos não mantêm totalmente o foco em conteúdos inertes e com separação rígida entre o que se vive na escola e a vida real. Os alunos estão a todo o momento ressignificando com o uso do celular e trazendo para seu cotidiano, aquilo que está rígido e inerte. Quando o aluno fotografa uma imagem e compartilha com seus outros colegas, ele está atribuindo um novo sentido ao conteúdo e a forma de aprendê-lo.

Bhabha (2003) destaca os processos híbridos pelos quais os sentidos da cultura ocorrem numa produção de sentidos imprevistos, performático em suas repetições, visto que o tempo e o espaço são diferentes no momento da enunciação. Assim, quando o aluno utiliza o celular desta ou de outra forma não há sentidos previamente estabelecidos, acabados, mas há sentidos hibridizados, contingenciais.

Então, podemos dizer que as apropriações pelos alunos da tecnologia não são únicas, quando o aluno utiliza a tecnologia ele atribui um significado e, a partir disto, os outros significados não perdem o sentido, mas que eles podem utilizar o computador de outras formas, sendo para leitura e escrita, para pesquisa, ou para games, os alunos se apropriam da tecnologia de uma maneira e de outra. Há processos de significação e ressignificação da tecnologia, sendo todos estes, de acordo com Bhabha (2003), processos híbridos. Não identifico uma dualidade, pois a produção de cada elemento “duo” já se apresenta como híbrida. Sendo assim, não é necessário destacarmos uma dualidade em relação ao uso e a apropriação da tecnologia, pois, para ser híbrido e ambivalente a produção de sentidos não precisa ser de dualidade.

Argumento que a possibilidade de trânsito entre o mundo real e o virtual cria outros sentidos e significados para as práticas em sala de aula; a produção do conhecimento não está localizada no espaço físico da sala de aula, muito menos em um tempo específico; ele está sendo produzido em outros espaços e tempos não reguláveis, está no fluxo contínuo.

Não tomo como base o uso da tecnologia pelos jovens como um processo que deve ser separado do cotidiano escolar, entendemos que este comportamento, faz parte de uma ação cultural, visto que o uso do celular permite relacionar os conteúdos escolares com as demandas dos jovens, como vimos na imagem anterior. As discussões promovidas por diferentes maneiras de olhar este comportamento não se polariza, pois as produções advindas deste contexto se constituem no entrelugar, como Bhabha (2003) nos permite refletir, onde este processo não necessita ser fixado, pois está na fronteira de uma produção que é cultural, em movimento. São nestes espaços-tempos de fronteira que diferentes discursos se relacionam e se hibridizam. No entrelugar há a possibilidade de vivenciarmos as trocas, em que lutas para fixação de sentidos são travadas pelos sujeitos que também se constituem nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo busco problematizar as questões que se colocam urgente ao pensarmos as produções culturais dos sujeitos nas relações com a tecnologia, em destaque as mídias portáteis (celulares) e como tais relações reconfiguram os processos dentro-fora da escola. Nesse sentido, destaco a produção de sentidos que entendemos como enunciação cultural dos sujeitos que negociam com o outro e com os diferentes espaços e tempos dentro/fora da sala de aula, de forma a se modificar nessa relação dialógica por meio da linguagem da tecnologia.

Dessa forma, podemos observar que os sujeitos, na prática cotidiana, ao produzir outros sentidos para as suas ações na relação direta com a tecnologia, estão se apropriando da tecnologia como outra linguagem – e não somente como disponibilidade de aparato midiático.

Assim, reconhecemos que os processos de articulação e produção proporcionados aos diferentes sujeitos que transitam por diferentes espaços e tempos, residindo na fronteira entre o real e virtual, entre o aqui e o lá, são fruto de movimentos hibridizados que produzem novos/outros híbridos culturais.

Nesse sentido, problematizo tais movimentos considerando que são produções culturais que constituem o currículo e, portanto, são pontos móveis de articulação e negociação na produção que se constituem no processo que envolve a produção do currículo em sala de aula. Na discussão proposta neste artigo, a perspectiva que tivemos foi contribuir para que outras reflexões possam se desenvolver, tendo em vista a linguagem da tecnologia na sala de aula e no trabalho pedagógico, como proposta de reconfiguração do campo de produção curricular no diálogo com/entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. O Local da cultura. Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). Currículo, cotidiano e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CORTELAZZO, Iolanda B.C. Tecnologia, Comunicação e Educação: a tríade do século XXI. S & TM Revista de Ciência e Tecnologia. Anais do I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação. Cptec do Centro Universitário Salesiano, Campinas, Ano I N.2, mai/ago1998. Disponível em: www.eca.usp.br/nucleos/mcl/pdf/congress_textos.html, Acesso em: 27 abr. 2015.

GREEN, B. & BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz T. (org.). Alienígenas na sala de aula. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LOPES, Alice e MACEDO, Elizabeth. Teorias de Currículo. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, Elizabeth. Currículo: política, cultura e poder. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.2, pp. 98-113, jul/dez 2006.

MAYER, R. E. Multimedia Learning. New York: Cambridge University Press, 2001. PRENSKY, M. Não me atrapalhe, mãe - Eu estou Aprendendo! São Paulo: Editora Phorte, 2010.

_____. Aprendizagem Baseada em Jogos Digitais. São Paulo: Senac, 2012